

MICHEL FOUCAULT: POSSIBILIDADES, ANSEIOS E BUSCA

MICHEL FOUCAULT: POSSIBILITIES, LONGINGS AND SEARCH

Antônio Carlos do Nascimento OSÓRIO¹

RESUMO: Este ensaio tem o propósito de realizar aproximações com as possibilidades fornecidas pelos referenciais teóricos e metodológicos de Michel Foucault para o campo do conhecimento na área das ciências humanas, na disciplina de Educação, em seu conteúdo de Educação Especial, adotando, como procedimento metodológico, o campo empírico-analítico das produções do Grupo de Estudo nos Referenciais Acadêmicos Foucaultianos (GEIARF), numa interlocução com o sujeito que pesquisa e as dinâmicas institucionais na produção das relações entre o saber e o poder em redes de interesses na formação de verdades determinados pelas práticas culturais vigentes. Os resultados apontam que o referencial dá uma abertura determinante para a desregularização do conhecimento e da pesquisa, pondo em evidência aspectos fundamentais, como as possibilidades constantes de que nada se esgota em si e por si. São necessárias atitudes críticas frente aos fenômenos e aos processos sociais pelas suas verdades estabelecidas, agora não mais nos limites das evidências e regularidades, mas por novas possibilidades, passando a compreender a verdade, pelo seu conjunto de outras verdades, dependendo sempre de onde se vê, como se vê e por que se vê.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Desregularização. Sujeito.

ABSTRACT: This essay is intended to perform approaches with the possibilities provided by the theoretical and methodological references of Michel Foucault to the field of knowledge in the area of Humanities, in the discipline of Education, in its content of special education, adopting as methodological procedure, the empirical analytical field of the productions by the Study Group on Foucauldian Academic References (GEIARF), in a dialogue with the subject who researches and institutional dynamics in the production relations between knowledge and power in networks of interests in the formation of certain truths by prevailing cultural practices. The results show that the reference gives a determining opening for the deregulation of knowledge and research, highlighting key aspects, such as the constant possibilities that nothing depletes itself in itself. Critical attitudes are necessary to stand up to new phenomena and social processes by their established truths, now no longer within the limits of the evidence and regularities but as new possibilities, starting to understand the truth, by its set of other truths, depending on from where you look and how and why you do so.

KEYWORDS: Special Education. Deregularization. Subject.

[...] Paul Veyne faz um retrato de Foucault como guerreiro.
Foucault sempre invoca a poeira ou o murmúrio de um combate,
e o próprio pensamento lhe aparece como uma máquina de guerra.
É que, no momento em que alguém dá um passo fora do que já foi pensado,
quando se aventura para fora do reconhecível e do tranquilizador,
quando precisa inventar novos conceitos para terras desconhecidas,
caem os métodos e as morais,
e pensar torna-se, como diz Foucault,
um “ato arriscado”, uma violência que se exerce primeiro sobre si mesmo [...].
(DELEUZE, 1992, p. 128).

Este ensaio tem como objetivo explicar algumas aproximações efetivadas nos trabalhos de pesquisas realizadas no interior do Grupo de Estudos nos Referenciais Acadêmicos

¹ Doutor em Educação. Professor Associado IV dos Programas de Pós-Graduação em Educação e de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS/Brasil. Pesquisador das Linhas de Pesquisa: “Educação e Trabalho” e “Psicologia, Educação e Subjetividade”. Coordenador dos Grupos de Estudos/CNPq: “Estudos Acadêmicos nos Referenciais de Michel Foucault”. antonio.osorio@ufms.br

Foucaultianos (GEIARF), sob minha coordenação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Enquanto tema, corresponde às mais variadas ordens do campo de conhecimento; enquanto possibilidades de aproximações, permite desenhar um universo não muito delineado, por envolver relações e elementos de diferentes origens, constituindo traços constantes, não bem definidos entre o que poderia ser uma elaboração, individual ou coletiva, na utilização de elementos teóricos e metodológicos e sua aplicabilidade em bases empíricas.

Acredita-se, também, que, para traçar as linhas tênues desse ensaio, são essas tencionadas por compreensões entre subjetividades e objetividades, demarcadas, na medida do possível, por peculiaridades de processos históricos vividos, como formas de compreender e interpretar o mundo, a partir das condições da própria existência individual – “ontologia histórica de nós mesmos”² – diria Foucault e, como essas relações emergem, compondo as práticas culturais de um determinado saber e de relações para si.

Este desenho textual visa analisar alguns conceitos contidos nas reflexões de Foucault, para tentar dar conta das condições dos discursos sobre a Educação Especial, enquanto um dos conteúdos da disciplina de Educação, vinculada à área de ciências humanas e suas possíveis contribuições. Por essa via, ganha condições de saberes, por intermédio de instrumentos operadores produzidos historicamente.

Busca-se, também, entender, especificamente, a importância do referencial, tendo como princípios suas condições e possibilidades de ocorrência, problematizando-os por intermédio de redes de relações de poderes e saberes que se entrelaçam nos discursos sobre ciência, tendo a clareza de que este exercício aqui proposto assume características ainda iniciais, pois as dificuldades de tal proposição desafiadora, como priorizar alguns conceitos, não é uma das melhores alternativas, mas uma das possibilidades de aproximação com algo que ainda deve ser explorado.

Para desenvolver tal proposição, adota-se, como premissa, que os saberes trazem em si, sempre, outras possibilidades de compreensão, não descartando as existentes, mas permitindo encontrar pistas e subsídios que propiciam leituras diferenciadas daquelas até então oficializadas, distanciando-se das especificidades, ou peculiaridades, o que permite emergirem redes de relações, cujo lastro sintetiza estratégias disciplinares e as biopolíticas³, produzidas pelas práticas sociais dos governos dos outros e de si.

Põem-se em evidência aspectos fundamentais, como as possibilidades constantes de que nada se esgota em si e por si; portanto, diante de atitudes críticas, frente aos fenômenos e aos processos sociais pelas suas verdades estabelecidas, agora não mais se têm os limites das evidências e regularidades, mas novas possibilidades. Criam-se, assim, espaços de transgressões, não como características de violências, ou negações, mas de superações, desregularizações, passando a compreender a verdade, pelo conjunto de outras verdades, dependendo sempre de onde se vê, como se vê e, mais, por que se vê.

² Michel Foucault propõe como exercício ontológico uma articulação entre três pilares de sustentação: o da enunciação do verdadeiro, o dos efeitos desta compreensão (que sempre serão mais políticos que epistemológicos) de uma verdade enunciada, o dos modos da relação de si consigo mesmo (processos de subjetivação).

³ Foucault nomeou como biopolítica um modo de existência política, levantando a suspeita de uma coincidência entre sujeição e subjetivação na configuração ontológica contemporânea, como sendo as formas ou maneiras que os seres humanos se governam (se conduzem a si e aos outros).

Exatamente nesse momento reforça-se um dos elementos determinantes e desafiadores, proposto por Foucault: os problemas relacionados a cada um, enquanto humano, a partir e por meio das produções dessas verdades constituintes, por intermédio das práticas sociais. Delas nascem, transformam-se e morrem as verdades. Como se sobrevive a esse arsenal sobre a existência e elaboram-se produções de certo ou de errado, de obrigações e deveres, amor e ódio, que não sejam por intermédio de concessões?

Se isto se encaminha para uma nova crítica⁴, ela deve, então, ser marcada pelas problemáticas latentes de cada época, numa luta constante de batalhas quase infinitas, em que o conhecimento passa a ser compreendido, não só pelo observado, mas por outras condições presentes em seus discursos, reconfigurando e permitindo encontrar outros questionamentos e artefatos que o justifiquem, caindo sob suspeita, sua veracidade, enquanto uma ou mais verdades pautadas até então.

Implica indagar, sempre que possível, e duvidar dos registros, seja das respostas dadas às perguntas ou das observações realizadas, levando sempre como comando outras análises, a partir das relações das lutas que sempre foram travadas na sociedade e de cujos embates todos hoje são frutos, mais pelas fragilidades de compreensão do que pelos encaminhamentos adotados em si. São brechas possíveis que permitiram “entender” e interagir socialmente e, por mais amplos que possam representar, sempre serão espaços reduzidos,

[...] Em toda parte se está em luta. [...] De fato, relações de poder são relações de força, enfrentamentos, portanto, sempre reversíveis. Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável. Com frequência se disse — os críticos me dirigiam esta censura — que, para mim, ao colocar o poder em toda parte, excluo qualquer possibilidade de resistência. Mas é o contrário! (FOUCAULT, 2006, p. 231-2).

É desse modo que se faz pesquisa, enquanto uma operação histórica empreitada, particular e coletiva, tendo como eixo o pensar como uma das formas de experimentação analítica e política, sempre buscando outros elementos, a partir daqueles já evidenciados, cujo alvo é um projeto de desdisciplinarização, desconstruindo os saberes sujeitados e interrogando, exaustivamente, os mecanismos de poder que se colocam, sempre como óbvios ou absolutos, enquanto verdades contidas nos mesmos.

Enquanto modos que se desenham, sem condições muitas vezes não explicitadas, pelas mais diferentes cores e tonalidades, a configuração ocorre em redes de relações, em que, no conjunto, demarcam trajetórias incertas e perigosas, por todos percorridas e, das mais diferentes formas, relacionadas às bases do prazer, do desejo e das frustrações. Em pauta a preocupação com a verdade e, por conseguinte, com o sujeito, com sua desubjetivação, para sua liberdade em conhecer.

Essa, indiscutivelmente, vem a ser base fundamental do conhecimento, dialogando com Foucault. Em tempos de exceção, como se compreende este mundo e adentra-se a ele, não é propício sustentar, ou buscar, a normalidade da realidade, protegida pela obediência aos

⁴ O exercício de crítica possibilitaria resistências e a criação de zonas de liberdade, em uma batalha permanente, em que a pesquisa e a escrita seriam armas de guerra, em uma ontologia histórica de nós mesmos. (FOUCAULT, 1984).

dogmas religiosos e institucionais definindo um conjunto de práticas culturais determinantes, independentemente de vontades e de ser, ou não, válidas para cada sujeito.

Se ainda restam dúvidas dessa maquinaria montada pelas engrenagens de tempos de exceção, é fácil observar o quanto as políticas de estado mais dificultam do que ajudam, em suas proposições, ou o quanto a religião alimenta as estratégias de controle e comprometem a compreensão do divino, considerando, também, que se vive em tempos de dupla moral: o que é certo para uns é errado para outros, depende da posição que se ocupa nesta maquinaria.

É por esta trilha que aqui se refere à variedade de labirintos que Foucault propicia, apontando dificuldades inerentes aos estudos de seu pensamento, mais ainda quando se busca instrumentalizar suas reflexões em modelos investigativos, centrados em procedimentos positivistas, com discursos de inovação ou de mudança.

Não é uma fácil sistematização, o que também não quer dizer que seja inatingível sua compreensão. As leituras de seus livros, aulas, debates, entrevistas e a produção de seus estudiosos remetem sempre a um retorno a cada um desses artefatos, levando sempre à captação de outros elementos muitas vezes não percebidos numa primeira ou numa segunda leitura ou em quantas mais ocorrerem nas mesmas peças.

Foucault atrai e gera dúvidas constantes ao descobrir elementos naquilo que pareceria, a princípio, compreendido ou explicitado pela normalidade das práticas culturais. Disso, adentra-se a outra etapa do labirinto – dúvidas e receios de rupturas, por conta do que se acredita que cada obra, em cada página, carregue em si, elementos que se movimentam com outros significados, portanto, com outras possibilidades de compreensão da realidade, recompondo conhecimentos anteriores.

Se tudo isso se engendra em cada obra do autor, por outro lado, tradicionalmente, grande parte de seus leitores fazem periodizações de seus escritos, o que, particularmente, ainda é visto com certa dificuldade, considerando que essa alternativa, embora lide muitas vezes com temas comuns, suas formas de apropriação dos mesmos saberes, constituídos por Foucault, assumem uma variação quase inesgotável, no sentido em que ele mesmo, como já foi dito, busca sempre outras condições e elementos de análises, portanto, outras preocupações e pontuações, reforçando a ideia de novas possibilidades para as mesmas coisas.

Diferentemente dos demais pensadores, Foucault deixa esse legado, pelas condições e ferramentas que permitem reconhecer em seus movimentos, suas modificações, enquanto processos de maturidade e aprofundamento, nos mesmos temas, dando ênfase às formas de apropriação, a partir de suas preocupações, angústias e necessidades investigativas.

Essa tensão peculiar do autor com o sujeito, além de continuamente realizar críticas filosóficas à literatura, desenhou convergências, em seus escritos, nas relações possíveis com o saber – acontecimentos discursivos - (arqueologia⁵ – utilizando-se da loucura, da medicina moderna e das ciências humanas), com o poder (genealogia) e com as questões da verdade (arqueogenealogia).

⁵ *História da Loucura* (1961).

Isso é rico, profícuo e fundamental, pois “as mesmas coisas” deixam de ser “as mesmas”, quando se reconhecem outros elementos nelas contidos, dando abertura a outras possibilidades metodológicas e percepções, o que permite traçar novas relações e sustar as possíveis condições de normalidade, impostas pelas práticas culturais – cabe enfatizar – que são tempos de exceção, marcados por pelo esgotamento dos modelos adotados até então.

Sem romper com as posições paradigmáticas, sem entrar no mérito de mecanismos de seletividade, em que as condições não se limitam a ser classificadas pelas condições de melhores ou piores, se servem ou não. Rompe-se decisivamente com algumas posições demarcadas por rituais instituídos sobre o conhecimento, dando alternativas extremamente profícuas e novas condições de leituras da realidade e da própria existência.

Compreender esse mundo por essas possibilidades está relacionado às condições determinantes da posição de cada um nesta engrenagem e como se insere neste mesmo mundo, talvez como pontos iniciais de indagação: Como me sinto? Onde me situo e como me posiciono? Cabe lembrar sempre que este mundo está posto pelas práticas culturais estabelecidas por infinitudes de verdades, sem um questionamento prévio de cada um em serem certas ou erradas, num princípio demarcado pela religiosidade (moral) e as instituições (penalidades).

Condicionada pelas condições históricas vigentes, a brecha de rupturas recai em outro extremo. Não é naquilo que está posto, mas por que está posto e de que forma se manifestou, envolvendo condições e possibilidades, o que diminui os hiatos, elaborados por mediações, marcadas estas entre o saber e o poder, que sempre foram desenhadas a partir de continuidades e lidaram com as possibilidades de uma regularização constante.

Com isso, adentra-se a duas questões fundamentais, relacionadas diretamente à pesquisa, não tendo exclusividade com o campo educacional, mas com as tensões latentes de elaboração de uma leitura crítica, pelas aproximações possíveis, de forma interdisciplinar entre a sociologia e a educação especial, à luz das análises instigadas por Michel Foucault.

Indiscutivelmente, há um deslocamento significativo, em que as possibilidades de se conhecer, como conhecer e o do que se apropriar e como se apropriar, enquanto verdade, do que emerge um enfrentamento com o universalismo de diferentes correntes teóricas, concebidas enquanto modelos, desenhados de forma tradicional, fechados e reducionistas, e a própria concepção de objeto de pesquisa e de sujeito na disciplina de Educação.

Indubitavelmente, começa-se a tecer uma rede de relações possíveis que não se alojam em fulgurâncias de serem mais ou menos essenciais. Pelo contrário, tudo passa a ser importante e determinante em qualquer processo de conhecimento, até o senso comum sobre as coisas, embora muitas vezes não percebido. São, sem dúvida, problematizações que adquirem condição inicial de uma determinada autonomia, em que se explicitam num movimento em rede de relações, nunca específico ou disciplinarizado, como propõe a forma tradicional de concepção do objeto de pesquisa, mas por ângulos mais variados e possíveis.

A premissa passa a ser de que todo saber gera poderes; com isso, o poder só se exerce pela tutela de um saber, na medida que o poder não é concentrado, mas dissolvido na rede de relações de outros saberes, alimentando as práticas culturais, cujas bases trazem um alicerce composto por preconceitos de toda ordem, pois o princípio é regularizar.

Foucault elaborou uma crítica importante sobre as filosofias antropologizantes, no livro *As palavras e as coisas* (1981), considerando os paradoxos em que caem ao tentar explicar o que é o homem. Para o autor, o Positivismo busca a verdade no homem, naquilo que possa ser objetivável, verificável e mensurável; portanto, o homem transforma-se em objeto e não em sujeito. Já a Fenomenologia busca no homem seu corpo; tal verdade em sua existência de ser para si, a partir de quem o observa, o que não implica o ser, mas a aparência do ser que habita um corpo. Por último, o Marxismo, que coloca o homem como determinado pela história de sua produção social, vítima das relações econômicas e alienado de si.

Em comum, como diz Foucault, acabam fazendo valer o que consta empiricamente, como algo que transcende o teor empírico, formando o par empírico-transcendental, evidenciando que há uma ordem nas disposições das coisas que se submete ao saber e que pode ser traduzida por um conjunto de discursos, submetidos estes a um tempo e a um espaço, que marcam cada época, pelas condições que se infiltraram e emergiram. (FOUCAULT, 1981).

É o que cada época pôde dizer ou estabelecer significativamente, como uma espécie de acontecimento do dizer na esfera do saber, característico de uma determinada época e, por isso, os acontecimentos na ordem do saber são datados, inscritos em documentos, adquirindo uma marca histórica – não se trata de história evolutiva ou contínua, pois a arqueólogo não busca uma origem e não vê na história um desenrolar que desembocaria na realização de tudo que esteve em germen.

O modo atual de conhecer é resultado de transformações anteriores que não estão “erradas”, vistas da perspectiva atual, nem estão “corretas” ou “incorretas”, mas por que e como se instituem, chegando à condição de verdade. Neste sentido, a indagação se desloca: não se trata de perguntar sobre os problemas metodológicos das ciências humanas, a confiabilidade de seus resultados ou sua consistência teórica, mas, antes, sobre o campo ou o solo de saber em que surgiu esse discurso com pretensão de fazer ciência. (FOUCAULT, 1981).

Cabe então explorar um pouco o que é, ou seria, Ciência, tendo como premissa que ela evolui por meio do confronto entre o pensamento e a realidade. Para muitos, esse movimento ocorre numa sucessão de ideias organizadas, dentro de cronologias lineares e pontuais, marcadas por cortes e rupturas, denominadas períodos, fases ou, até mesmo, tendências. Transformadas em pedaços que se autojustificam e, ao mesmo tempo, parecem autônomos e livres de elaborações antecedentes. Essas ideias emergem como um “novo” pensamento, livre de todo um processo de formação social e cultural. Contudo, acredita-se que a Ciência não se opera nessa simplicidade, nem mesmo dentro dessa possibilidade; se assim o fosse, muitas questões já estariam resolvidas e as verdades seriam absolutas.

Nessa lógica, a Ciência, baseada, exclusiva ou predominantemente, em discursos, transmite uma ideia incompleta e pouco aliciante daquilo que realmente é a Ciência, de como ela se constrói. Isso é bastante comum em na área de ciências humanas. De maneira geral, o linear do desenvolvimento do pensamento postula-se por um conjunto de rótulos “teóricos”, trabalhados como credenciais, que variam com diferentes atributos, muitos dos quais desprovidos de um conhecimento elementar que possibilite emitir e dar um respaldo mínimo a uma simples opinião - favorável ou não - quanto a determinado pressuposto teórico.

Se estes são os grandes desafios que se colocam frente ao momento atual, que poderia ser denominado apropriação inicial do campo científico e suas diferentes compreensões, comprometendo os processos de saber como um todo, isso ocorre muito por força daquilo que talvez seja determinante; uma questão anterior aos estágios até então enunciados: ausência, em essência, da explicitação dos elementos que identificam o pesquisador, a partir não só de suas diferentes leituras de mundo, mas de suas intermediações entre aquilo que adota como “verdade” e a “constituição de suas experiências”.

Este é o esteio da explicitação, da existência na revelação de quem escreve e de qual lugar escreve, por que escreve e quais seriam as leituras realizadas e decodificadas que se relacionam com o objeto/tema de investigação. Não se trata da história de vida ou de um memorial descritivo, como aparecem em alguns documentos acadêmicos ou na introdução de alguns relatórios de dissertação e tese, mas encontrar os limites e possibilidades dos interesses investigativos.

Sem esse exercício talvez seja praticamente impossível se aproximar de qualquer pressuposto teórico, principalmente dos escritos de Michel Foucault em particular, que expõe o corpo humano asfixiado pelos nós do poder – preso em sentimentos e valores próprios e, acima de tudo, são frutos de todas as relações de aprisionamento da sociedade. Sem sombra de dúvidas, é necessária uma exegese de conceitos em um envolvimento pessoal com a realidade que a todos cerca, encarada como um procedimento primeiro de busca de explicitações investigativas.

Certamente algumas destas reflexões iniciais não apresentam novidade. Assim faz-se necessário, neste momento, explicar os motivos pelos quais algumas produções científicas agregadas aos referenciais teóricos contidos nas obras de Michel Foucault - ao longo de quase duas décadas no GEIARF - estruturaram-se e foram produzidas.

O princípio geral adotado neste espaço coletivo de conhecimento converge para o avanço que a sistematização da produção do conhecimento deve alcançar, em relação àquilo conhecido a respeito dos fenômenos em estudo, saindo dos diagnósticos denunciativos, ou das constatações óbvias, presentes em grande número de trabalhos acadêmicos, sempre apontando culpados, independente dos referenciais adotados. A relevância e a qualidade de um trabalho não são suficientes para caracterizar uma pesquisa; muito pelo contrário, seus resultados devem transgredir aquilo que é sempre constatado, sinalizando instrumentos e procedimentos de superação. Eis a essência do conhecimento.

Dentre os estudos concluídos e outros em andamento, as temáticas investigadas são pelo conjunto das produções: o Direito; o Corpo, os Professores, a Educação Especial, as Políticas, os Presídios, Indisciplina, Violência; a Sexualidade; a Homofobia e a Homossexualidade, relacionadas ou não ao campo educacional, mas tendo o sujeito como centro do conhecimento.

Nesses trabalhos são discutidos conceitos que permeiam e configuram as instituições, relacionados todos como um segundo movimento dos estudos realizados até então sobre os pressupostos teóricos e metodológicos de Michel Foucault, a partir do saber e do poder, em seus desdobramentos da ordem cultural e social. Trazem, em comum, a íntima relação entre discurso e poder em diferentes instituições, bem como várias e complexas formas de investigar as “coisas ditas” e “instituídas” no interior da sociedade.

Os trabalhos têm, contudo, um propósito maior: debruçar-se sobre uma tarefa que Foucault (1985, p. 66) denominou de “Ontologia histórica de nós mesmos” como *teste histórico-prático dos limites que podemos ultrapassar, e, portanto, como trabalho executado por nós mesmos enquanto seres livres*; tenta, assim, superar a reprise do que sempre é dito (denunciado) sobre a realidade social, o que rompe com o círculo vicioso, que é também histórico, sobre a origem de qualquer mudança relacionada a dispositivos externos ao sujeito. Pelo contrário, ela nasce a partir de cada sujeito, embora contornado por diferentes interesses difusos do seu meio.

Nesse sentido, uma das missões do Grupo de Estudo, talvez a mais desafiadora, é transgredir os fatos pelos fatos. É exercitar, a partir das condições de cada pesquisador, tentativas e possibilidades de realizar rupturas históricas de sujeição dos indivíduos, por tudo até aqui enunciado. Essa tarefa não é simples de ser realizada, tampouco é possível afirmar que todos os alunos-pesquisadores consigam realizar tais rupturas, durante as discussões no Grupo e em seus relatórios de pesquisas (monografias, dissertações e teses), visualizando e exercitando essa possibilidade.

A maioria fica no estágio inicial de suas produções: dados, afirmações que se caracterizam num procedimento convencional de uma avaliação diagnóstica do tema pesquisado, ou ainda, não captam as suas responsabilidades na participação e no comprometimento do fenômeno estudado. Com isso, poucos surpreendem. Apenas constataam que os resultados alcançados, de maneira empírica, reforçam as discussões teóricas acumuladas durante os encontros de estudos.

As temáticas enunciadas foram, ou são, iluminadas por alguns códigos fundamentais da cultura a partir do final do século XVIII e início do século XIX, tomando por base os escritos de Foucault, que se constituíram com o propósito de identificar técnicas e práticas próprias da “sociedade disciplinar”, cuja finalidade reside no ato de fixar o homem em modelos de docilização e produtividade, tendo o *locus* de sua materialidade como ponto comum: as instituições concebidas como espaço coletivo de esteio para conflitos, contradições e legitimações dos “valores” do tecido social.

Adotada essa postura, esta reflexão aponta algumas considerações sobre Foucault, visto como ancorador deste propósito e seguindo a mesma orientação daquela até aqui apontada. Muitos pesquisadores apontam Foucault como pós-estruturalista, o que se acredita ser um pouco complicado, porque não se sabe exatamente a que esses discursos se referem com a utilização desse termo, além de ensejar conotações pejorativas.

Ao folhear e decifrar as obras desse autor, cada página carrega em suas linhas pressupostos calcados em processos históricos e sociais. Logo, suas contribuições extrapolam as descrições factuais, explicitam os porquês das práticas sociais exercidas, suas contradições, elaborações e seus limites, enquanto diferentes processos que, quando recuperados por meio de temáticas específicas de reflexões, permitem recolocar novos elementos. Essa dinâmica contribui para identificar outras causas e razões dos fenômenos sociais culturalmente impostos, conferindo-lhes, assim, novas configurações, outros significados, frente às constantes mutações das relações impressas no interior de cada domínio da sociedade.

Exceto por alguns pesquisadores efetivamente engajados no compromisso da análise epistemológica, a maioria das pessoas faz referência a Foucault por “modismo atual”,

não efetivamente por dispor de um conhecimento de causa, quanto a uma das correntes de pensamento, que não nega o conhecimento acumulado, mas explicita um conjunto de outros elementos, recuperando novos fatos e outras compreensões sobre os fenômenos que integram a realidade social dimensionada em seu processo de elaboração social e histórico através da contradição.

Um exemplo típico pode ser observado nas críticas feitas sobre seus escritos, ditos equivocadamente de fenomenológicos ou de pós-modernistas, na maioria das vezes desconsiderando o risco que consiste em assumir pressupostos foucautianos. Assim, cada uma das concepções de Foucault corresponde a meros rótulos, embasando erroneamente conflitos entre diferentes tendências de pensamento, presentes nos usos e abusos dos referenciais teóricos e metodológicos nos diferentes campos do conhecimento.

Colocar Foucault em suas complexas formas de pensar e fazer conhecimento é entender um pouco a sociedade a partir do individual, fazendo enfrentamentos entre as diferentes correntes teóricas, não pelos seus valores, mas pelo seu surgimento, o que permite dar, àqueles que silenciam, interagir, falar, dizer o que pensam ou o que sentem. Até que ponto isso é possível? É possível pensar o homem no momento mesmo em que as ciências alicerçadas na linguagem o dissolvem? Será que, nas instituições, pode-se manifestar o que se pensa? Que discurso ganhará a condição de verdade, de correto? Aquele que mata o sujeito ou aquele que lhe dá a vida?

Há de se chegar a um tempo, em que se aceite a ideia de que não há anormais, mas sujeitos descentrados de modelos definidos, múltiplos, com efeitos fora das relações de poder, concentrado das práticas culturais. As tentativas de invenção das verdades nada mais são do que exercícios de normalização para instituir os anormais e esquadrejá-los.

Hoje há verdades abertas, plurais, na medida que não se universalizem, mas se conheça e se reconheça sua constituição, seu processo, sua dinâmica. Há, sim, que se instalar a guerra, em relação à homogeneização dos sujeitos em escalas definidas pelas práticas culturais. Não há verdades, mas possibilidades de o serem. Como trabalhar um sujeito posto, assujeitado... Os desafios passam a ser as desregularizações... Não há um deficiente, mas alguém que não é aquilo padronizado e valorizado pela sociedade, rompendo, assim, com o preconceito, a limitação, invertendo-se as possibilidades em um compromisso individual.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III*. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *As Palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

Recebido em: 12 de março de 2014

Aceito em: 25 de abril de 2014

